

32
AMIGAVEL DEZENEGANO

COMPRA

A O S

PERALTAS.

OBRA EM VERSO.

POR SEU INDEFECTIVEL, E MAIS SINCERO AMIGO,



ELIO PRUDENCIO

S I L E O, &c. &c. &c.

*As vellas não deffiro á fantasia :
Verdades claras digo , amáveis , puras ;
Pois chimeras não traço , nem loucuras.*

Cant. 3. Oit. 39. de certo Manuscripto do A.

M. C. 132.990



H! Como de prazer ; e d'alegria,
D'alvorço , em fim , (que feliz dia !)
Sinto encher-se-me o peito , qu' affligido
Ha longo tempo eu via entristecido !
Graças ao Ceo , Prudencio , que vingados
Já nos vemos de Jarras desmarcados ,
Qu' alçando a rouca , já cansada voz ,
Nos arrotavaõ , fim , de seus Avôs
Esse bravo valor , e singelleza ,
Prezada entaõ da gente Portugueza ,
Nas accoens , no vestir , com que alta sorte
Tiveraõ da cruel , da negra morte
Triunfando felices , denodados ,
Sem os nossos costumes empestados ,
Sem esses (como dizem petulantes ,
Invejozos) peludos , e gigantes

A

Galé-

Galéros , os topetes ; qu'assombrando
 As gentes andaõ , quazi topetando
 Co' as Estrellas , só d'elles defendidas
 Por essas vastas pipas , qu'estendidas
 Os detêm ; ah ! malélicos , crueis !
 (Pipas , fim , chamaõ elles aos anneis ,
 Que nós todos trazemos sobre as petas ,
 E de que zombaõ tanto esses Jarretas :
 Olha , que similhança , e frioleira
 Taõ insulsa , pedante , taõ grosseira !)
 Sem as gollas , os bofes , as fiyellas
 Desmarcadas , e nossas bagatellas
 Outras , de qu'elles mófaõ altamente !
 Preversa condiçaõ , perversa gente ,
 Que quer , qu' o Modernismo mais pulido
 Naõ seja , naõ , que o tempo corrompido ,
 Em qu' os monstros nascêraõ , que hoje vemos
 Criticar , quanto uzamos , e fazemos ,
 Só , porque lá deshonra a sua idade ,
 Porque he mais bello , e digno na verdade !

Graças ao Ceo ; Prudencio , neste dia
 Tu m' encheste de gosto , d'alegria
 Indizivel , immensa , (que transporte !)
 Trazendo-me estes versos lá da Corte ,
 Tecidos , fim , porgenio peregrino ,
 Digno d'alto louvor , de premio dino !
 Qu'artificio , bellezas , que verdades ,
 Elles todos contêm , futilidades
 Dos Jarras descnbrindo , confutando ,
 Nosso bom gosto só patrocinando !
 Tomára conhece-lo , abraços dar-lhe ,
 As mãos , as dignas mãos até beijar-lhe ,
 Mostrar-lhe gratidaõ de qualquer modo !

Ah ! Bem devias desvelar-te todo ;
 Naõ , porque desvelado obrou finezas ,
 Nutrindo do bom gosto essas bellezas
 Por via d'argumentos convincentes ;
 Mas fim , porque faz ver a muitas gentes

Que reflectem , a bella liza , e purã
 Verdade , inda que fala por figura ,
 Faz bem ; soube viver ; que d' outra sorte
 Não podemos vir ter ferias á Corte ,
 Passar com dezafoço , e alegria ,
 Dos amigos na doce companhia ;
 Encantar mil Ozenias , mil Narinas ,
 Ideas conceber mais peregrinas ,
 Que cheios de prazer , mas sem succeso ,
 A's Ninfas exprimámos do Mondego ,
 A's Ninfas , que lá choraõ , quais zelozas ,
 Sua triste orfandade deſditozas !
 Mal fabes , Illuzino idolatrado ,
 Quanto lhe debes , fim ; nem que proſtrado
 A seus pés estivesſes toda a vida ,
 Fineza lhe pagavas tão ſubida !

Eterna será minha gratidaõ ;
 Pois capricho ſer grato , ingrato não.
 Se o não conheço , fim , hei-de louva-lo
 Inceſſante , ah Prudencio , e exalta-lo ,
 Fazendo nas coréas mais brilhantes
 Das Tagides divinas reſſoantes
 Seus louvores , triunfos ſignalados !
 Eſtes verſos , que verſos ! entoados
 Eu farei , que ſ'eſcutem certamente
 De Luzo em todo o vaſto continente.
 Todos , aquelles , todos , que me ſeguem ,
 A quem Paſtranas vis ſempre perſeguem
 Por inveja com ſanha , com furor
 Canino , eu farei , fim , de meu amor ,
 Gratidaõ extremoza parciais ,
 Já que noſſas vantagens ſão iguais !

Reſſurgio o prazer , doce alegria !
 Que alegre , que brilhante , felis dia !
 Raivem , mordaõ em ſi eſſes Jarretas ,
 Antiquarios tenaces , e patetas :
 Clame , reſponda agora inda empeſtado
 Clorindo , ſeu patrono deſvelado ,

Nada do que differ já nos espanta ;
 Que outro valor mais alto s'a levanta
 Em favor nosso , em nossa defençaõ.
 D'armipotente , horrivel Campiaõ ,
 Clorindo se jáctava ; coitadinho !
 Eu creio , que não sahe , não sahe do ninho ,
 Sim , Prudencio ; pois que ha de responder ?
 Que hade , inda que s'esforse , elle fazer ?
 Foi matreiro ; lá vive alapardado ;
 Quem o vira , que o vira retratado !
 Seus asertos defenda , uze de tretas ,
 Chame á conclave todos os Jarretas.
 Que pódem pois , que podem produzir
 Mil Jarras , qu' isto possa destruir ?
 O dia , ah Illuzino ! he d' alegrias ,
 E não de fucitar melancolias ;
 Da Corte eu vim á quinta a recrear-te ,
 Pois mo pedias , não a contristar-te
 Com coizas , que , a pezar de proveitozas ,
 Te veriaõ a fer bem odiozas ;
 Porque a verdade havia de raiar ;
 E entaõ no que viria isso a parar ?
 Ah , soccega Illuzino ! A tua idade
 Já não he de creança na verdade.
 Folga tu ; mas não zombes de Clorindo ;
 Olha , que mais agora inda 'stá rindo ?
 Em melhor conjunção o v'rás patente ;
 Mais , e mais , inda que hoje certamente.
 Tens na mão a gadelha grata , e fina ;
 Que mais queres ? Ainda t'amofina ...
 Mas não , qu' era fender debalde o vento !
 Onde guindas , me dize , o pensamento ?
 Que pensas , que meditas , charo Amigo ,
 Pois vejo , que não 'stás aqui comigo ?
 Que abstraçoens saõ essas ? Delicadas
 Coizas revolves , sim , e remontadas !
 Já me peza trazer-te o tal Poeta ,
 Que mais louco te faz , e mais pateta !

Se te quês alegrar, não penses nelle ;
 A' superficie attende, attende á pelle,
 (Porque assim me explique) que a sustancia
 Opprime-te, concentra relevancia:
 Se julgas, bazifica teu partido ;
 Elle ironico he, tem-te illudido.
 Eu to troxe sómente por mostrar,
 Que te amava, que qu'ria executar,
 Quanto, sim, me pedias desvelado,
 Se bem, que eu isto fiz, como forçado.
 Mortifiquei-te, dize, lizamente ?
 Quem o pensára, sim, qu' em continente
 O rasgava ! Mas isso tem remedio.

Não, Amigo Prudencio ; pois que tédio
 Cauzar-me pôde ? só gosto infinito ;
 Porque ataca esse gosto vil, maldito,
 Desculpa os Chibantoens, as modas bellas
 Tece d' Hymnos brilhantes mil capellas !

Se me vez em pensar taõ cuidadozo,
 He, porque aqui medito hum portentozo
 Testemunho da minha gratidaõ,
 Alvorço, em que sinto o coraçãõ
 Todo, todo banhar-se ; feliz dia,
 Que vê gemer, raivar a inveja impia ;
 Que epocha tem ja visto taõ brilhante,
 Que á chusma d' Affonsinhos delirante,
 E vaons Sebastianistas suspirar
 Visto tem, e outro v'rá inda raivar !

Sim, Prudencio, medito confundir
 A toda a Jarretice, e produzir
 Nella mais sanha, raiva, mais furor,
 Dando a quem nos defende alto louvor,
 E a todos, os que seguem meu partido,
 Alentar, cauzar gosto o mais subido.
 Todos, sim, elles todos concorrer
 Não hãõ de duvidar ; eu só fazer,
 S' elles, ah ! não quizessem, bem podia,
 Quanto descreve, traça a fantazia ;

Inda que muito, e muito m' empenhaffe,
 E que nunca já mais peralteasse;
 Sim; que s' eu deixei d' andar na Corte,
 Recolhendo-me á Quinta, e desta sorte
 Andando desgostozo, sem querer
 Na Corte espaventado apparecer,
 Sem que visse de todo arruinado
 De Clorindo o sistema envenenado:
 Como duvidaria eu retirar-me
 Na minha Quinta, aonde reformar-me
 Affectando, viver posso contente,
 D'aqui vendo triunfante toda a gente,
 Que nutre a moda, adora a Peraltice,
 Que despreza, que aterra a Jarretice!

Mas he util, e justo na verdade,
 Que todos, sim, segundo a qualidade,
 Concorraõ com melhor de seus haveres,
 Quer sejaõ homens; quer sejaõ mulheres;
 Os menores ao Pai, Mãi, ou Padrinho,
 A seus amigos peçaõ, e ao vezinho;
 De sorte que s' ajunte immenso fundo,
 Com que possamos tempo tão jucundo,
 Taõ famoso, taõ digno d' alta historia,
 Fazer, que võe ao templo da memoria.
 Justamente; mas ah, pelo que vejo,
 Vê que pódes ser Icaro do Tejo!
 Pelo qu' escuto, nem d' antiga gente,
 E moderna os esforços certamente
 D'amor, de gratidaõ, de lealdade,
 Igualaveis a estes na verdade
 Seraõ do Petaltismo! feliz péta!
 Que acclamaçoens terás! feliz Poeta!

Mas s' eu visse, não 'stavas acordado,
 Juraria, sonhavas, transportado,
 E taõ illuzo vendo-te, Illuzino:
 Que loucura t' arrastra, e dezatino?
 Reporta-te sómente, e mais não cures
 Em commover a rizo; não procures

Justas cauzas de mais se criticarem
Teus confocios, amigos, de ficarem
De pernas para cima totalmente,
Como lá se explica a rude gente.

Pensava, que abraçasses a verdade,
Vendo-a clara, e patente, a falsidade;
E lizonja cruel do teu Poeta
Desprezando; mas ah, que mais pateta
Te fez o papelinho portentoso,
Esponja de vintens, que bem gostoso
Vai largando o Peralta, inda que fique
Sem pão para jantar, que mortifique
A barriga innocente, desgraçada,
Sem culpa sempre, sempre macerada!
Não pensei, que perdesse o juizo;
Mas hoje te não vejo nenhum sizo.
Desperta, Amigo, do fatal letargo,
Attende ao que he decente, inda que amargo.
A teus projectos vaõs, falsa alegria,
Altos diques repõem, que a sorte impia
Inda os Peraltas segue; e o bom Clorindo
De Jarras, de Peraltas s' está rindo!

Confundes-me, Prudencio; na verdade
'Stás zombando comigo? Essa amizade,
Que me juras, e eu creio liza, e pura,
Não póde, não, passar a ser prejura.
Dize, quanto quizeres; mas contente
O meu partido segue tão sómente;
O meu partido, sim, que triunfante
Já se vê de Clorindo petulante!

Que dizes, Illuzino? Sem demora
Deixar-te já devia, e ir-me embora.
De que te serve a saã Filozofia,
A razão inda só? Que a luz do dia;
Mais patente não vez, dize, a verdade?
Ainda cahes em tal fatuidade?
Oh temivel, funesta, envenenada,
Opiniaõ fementida, anticipada!

Viste no fronte'spicio d'essa obrinha
 Delicada por certo , e peregrina ,
 De satira o nome altiflonante ,
 E logo concebeste , ah delirante !
 Ser contra os Jarras , contra toda a gente ,
 Que os Peraltas ataca justamente.
 Que cegueira maior , que patetismo !
 Eis-aqui o que faz o Peraltismo !
 E qu'rias , ainda qu'rias , Illuzino ,
 Que , qual louco , eu seguisse o dezatino ,
 Em que laboras , dize , e forte peta
 Comesse do que exaltas por Poeta ?

S' eu fora lizonjeiro , á fantazia
 As vellas defferindo , bem podia
 Mais , e mais illudir-te , enfatuar-te ;
 Mas eu aspiro só a utilizar-te ,
 A dizer-te a verdade liza , e pura ,
 Inda que dezagrade , e seja dura.

Dezengana-te , Amigo , que zombando
 Clorindo inda perziste , e triunfando.
 Elle verdades disse brilhadoras ,
 Que sofisticas lingoas , e traidoras ,
 Temer não podem , não ; pois que constantes
 Ellas sempre seraõ , e triunfantes ,
 A pezar do sofisma , e prejuizos
 Proprio do pedantismo , e de juizos
 Lizonjeiros , fatais , e corruptores ,
 De puras , santas Leis só transgressores.

A verdade he só huma ; e quem podéra
 Duplica-la , me dize , e s' atrevera
 Tendo claro juizo , e instrucção ,
 Lizamente clamar contra a razaõ ?

Em fim , as vellas já devo colher ,
 Rodeios postergando , e só dizer ,
 Que esse , que tu reputas defensor ,
 He , quem guerra te faz , guerra maior
 De prepozito , fim , cazo pensado :
 E tu ainda todo apavonado !

Que vezes eũ lhe ouvi em amizade

Criticar as sequellas da vaidade!

Dos Peraltas notar o desconcerto,

Naõ dellas muito longe; mas ao perto!

Louvar o bom Clorindo, o povo insano

Atacar, confundir, mas sempre humano!

Se te fala d'hum modo lizonjeiro,

N'apparencia só he, que prazenteiro

Elle as cauzas me disse! Conversámos

Nisso, sim, muitas vezes, e falámos.

Seguiu rumo diverso; eu outro figo,

Mais claramente da verdade amigo.

Se te ataco taõ liza, e fortemente;

Elle tambem o faz destro, e potente.

Só quem olhos naõ tem, naõ tem juizo,

He, que seus versos lê com prejuizo

Similhante ao que tens; dezenganado,

Illuzino, pois fica; que cansado

Me sinto pois d'ouvir-te, e de falar;

Mas no que disse, deves assentar

Com lizura, firmeza, candidez;

Pois qu' isto me parece hum Entremez.

Razaõ tenho; estudei Filozofia;

Arranho lá tambem na Poezia;

Bem o sabes; assim naõ posso crer;

Quanto agora affligido ouvi dizer.

Tu, Prudencio, só queres na verdade

Meter-me a bulha, sim; nossa amizade

Reconheço, que he pura; assim te peço,

Que ames mais a verdade; pois começo

A ver-te della muito desviado

Em coizas de momento, de cuidado.

Dize, Prudencio, dize, onde s' encontrá

Isto, que tua crize alli me aponta?

Oculos de longa vista os teus feroã;

Mas eu naõ uzo d'oculos; sem paixãõ

Attendo aos objectos; d'esta sorte

Seguro figo mais seguro norte.

En o vejo, Illuzino; ah Illuzino!

Qu' indiscipçaõ, que zelo, dezatino

Me não surprende ! vive , vive ufano ;
 Mas vê , que mergulhado em torpe engano !
 Não te queixes de mim , nem de Clorindo ;
 De ti proprio te queixa , e de quem rindo
 Existe ; porque sabe , que os Peraltas
 Todos rizadas mil , mil vozes altas ,
 D' alvorosso tem dado , e d' alegria ,
 Pensando , mas que louca fantazia !
 Que os Jarras satiriza taõ sómente ;
 Quando elle se dirije contra a gente ,
 Qu' extremos segue , adora venenozos ,
 Quer devirentes seja , ou carunchozos
 Annos dotada , fim : digno Poeta ,
 Que da muza tocaste a digna meta !

Que feliz , s' elle nunca claudicára !
 Mas entaõ , que vintens elle chupára ?
 Obrou , quanto podia ; nem na Corte
 Viver se póde , Amigo , d' outra sorte !
 Eu prot-isto immita-lo ; inda excede-lo
 Nos fins , que se propoz , até faze-lo
 Invejozo de ver me alçir tambem
 Diversamente a voz contra o que tem ,
 Qual o Jarra , e Peralta , auzente o fizo ,
 Da verdade porém sem prejuizo
 O mais leve ; que eu nunca lizonjeiro
 Falo por graça , menos por dinheiro :
 Amo naturalmente a liza , e pura
 Verdade ; confundir devo a loucura :
 Eu o fizera aqui , ah Illuzino !
 Mas não , que teu infesto dezatino
 Mais te devo arrostar , para que sejas
 Acautelado , em fim , para que vejas.
 Tempo virá depois , em que de todo
 Eu abate-la faça de outro modo :
 S' as vezes triste sente qualquer damno ,
 Isto incidencia he ; mas não engano .

'Stás comigo zombando ? O que dezejo
 He , que mostres , e em fim , quanto não vejo
 Contra nollo siste.ma entrestecido ;
 Mas fim contra mil Jarras produzido .

Instigas-me , Illuzino ? Tem paciencia ;

Que eu te vou declarar tua demencia.

A Jarras , e Peraltas , que atacava

O meu Amigo , eu disse , que zombava

Do modo , do artificio , que elle gera ;

Isto bastava , sim ; nem eu quizera

Passar d'aqui ; mas vejo-te demente

Mais , que nunca , assim devo emcontinente

Brevemente mostrar-te com lizura ,

Que apaixonada foi tua leitura ;

Que não vez , que não tocas as verdades ;

Qu' interpetras , deduzes falsidades

Indeduziveis , sim , do preto branco

Fazendo ; em sim , que teu juizo manco ,

(Consente que assim diga) vai julgando ,

E cada ves peor raciocinando !

Lê pois , ah Illuzino ! torna a ler ;

Naõ tens lido ? Que tens , que responder !

Naõ vez , como elle Filo denodado

Arrosta , falar faz dezabuzado

Contra certos antigos , que patetas

Excedem da razaõ as altas metas !

Que curaõ mais dos trastes , dos vestidos ,

Que cegos inda adoraõ , e illudidos ,

Uzando delles só por vaidade !

Que dos fortes deveres , que a idade

Avançada faz mais impreteriveis ,

Epostergados sendo , taõ puniveis ,

Zombaõ , sim , ah ! não vez que astutamente

Mil loucuras , seu genio impertinente

Criticando-lhes vai , e desta sorte

Por lizonjeiros meios alto côrte

Mais cruel aos Peraltas dirigindo ,

Do qu' elle ; mais , que todos , s' está rindo ?

Vejo , sim ; com que gosto o não divizo !

Olha , que reflexçoens , nota , que avizo

Em tudo elle não mostra ! que belleza ,

Verdades , filhas só da natureza ,

E não do artificio cautelozo ,

Que não he , não , taõ bello , e portentozo ,

E inda tu Prudencio , triumphantes
 Os Peraltas não julgas , que brilhantes ,
 Razoens taõ fortes tem , tantos louvores
 Suas modas , feu gosto , seus primores !

Não tres , mas mil Anticiras , sómente ,
 Te curavaõ , Amigo , dessa urgente ,
 Já mais vista loucura , patetice ,
 Effeitos dessa tua peraltice !

Es moco , es cego , falta-te a razaõ ?
 Não m' escutas , não vez na propria maõ
 Esse embrulho , que encerra , quanto digo ?
 Proventura vez só , o qu' esse Amigo
 Por melhor dos Peraltas lá zombar
 Contra Jarras patetas arrostar
 Astuto quiz ? Devia emmudecer ,
 E contigo mais tempo não perder ;
 Pois vejo , qu' isto mais he artificio ,
 Que das fracas potencias total vicio .

Seja , o que for ; reflecte pois na historia ,
 Que a verdade apiezenta bem notoria ;
 Assentando porém , que a Ironia
 He , quem faz util , bella a poezia ,
 Que lias , que adoravas illudido ,
 Como quem da paixãõ era vencido .

Sem rebuço inda mesmo a saã verdade
 Dos Peraltas critica a fatuidade ,
 Depois principalmente que atacando
 Seus inimigos foi ; lê , vai notando .

Do remendaõ sebacio a filha amada ,
 Secia , sim ; mas a fomes costumada ,
 Que elogios lhe dava ? Não diz della ,
 Quanto devia , póde inda conte-la !
 Nesta pobre , infeliz , triste chibante
 Não envolve a mais gente delirante ,
 Que loucamente quer antes brilhar ,
 Que bem comer , melhor que descançar !
 Ah quantos , quantas vemos em tal uzo ,
 Que arpista debicar com garfo , ou fuzo ,
 Indicaõ de mil modos , mil maneiras ;
 Mas sempre lá cuidando em frioleiras !

Ditoza condiçãõ, ditoza gente,
 Que, macerada sempre, está contente!
 Que virtuoza fora, se quizera!
 Fazer mais penitencias quem podéra?
 Mas onde te guindavas, pensamento?
 Naõ t' afflijas, Amigo; qu' esse intento
 De todo já suspendo; muito embora
 Vivaõ em falsa paz, cruel, traidora.

Mil Escreventes, Rabolas, Caixeiros,
 Todos fofos, casquilhos, prazenteiros,
 Naõ vez ali n'hum só fatirizados,
 E nestes os mais loucos rematados
 De qualquer sorte, estado, condiçãõ,
 A's claras humas vezes, outras naõ?

Todos, que vaõ cavando o prejuizo
 Eterno seu, e d'outros d' igual fizo,
 Aqui pertencem, sim; olha, que bello
 Papel fartaõ! vê, com que desvello
 Elle, falsos principios mal tocando,
 Astuto vai de todos criticando
 Os erros, ignorancia, a Peraltice,
 Misturando seu doce, como disse,
 Por cauza d' outros fins realizar,
 E de tantos mil loucos mais lograr!

Illuzino, emmudeces? Dize agora,
 Que minha lingoa he má, qu' he detractora!
 Reflecte, Amigo, bem nessa pintura,
 E naõ criminarás a conjectura,
 Que lizamente faço d' essa obrinha,
 Qu' encara, naõ entende o Peraktinha.

Tu, que seu chefe es mais instruido,
 Dize, de balde a tens agora lido?
 Naõ por certo; que o rosto demudou;
 A voz lá entre as fauces te ficou!
 Infeliz Peraltismo! coitadinho;
 Qu' esteira nem te daõ no triste ninho!
 Olha, vê, que lá diz o teu Poeta!
 Soube viver; em fim, pregou-te a peta.
 E julgas, que t'argue com falsidade?
 Ah! vamos discorrer pela Cidade,

Acharemos. . Mas não, eu não o digo:
 Tu o sabes; em fim, fique comigo.
 Ninguém intento, quero maltratar;
 Minha verdade quiz só comprovar.

Dessa obrinha mil coizas passo em claro;
 Liberal era o genio, não avaro;
 Mas eu, e seu Author mui bem sabemos,
 O projecto qual he, o que fazemos:
 Que a não fer isso, fim, e charo Amigo,
 Tu o viras também raivar com fugo;
 Mas não, vamos andando, papellitos
 Discorraõ pela Corte; que palitos
 Nós ambos compraremos, e também
 Nossos livros, mil coizas, que ninguém,
 Que vive, quer, ou póde postergar:
 Mas, Amigo, tem mão; que declarar
 Em recto m' esquecia, e bom sentido
 O remate da obra, qu' illudido
 Talves inda te tenha: debes crer,
 Qu' em quanto a teus deveres verdadeiro
 Elle foi; mas no mais só he matreiro.

Senaõ, dize Illuzino, quem podia,
 Peralta sempre sendo, noite, e dia,
 Gastando inutilmente, a bella idade,
 Os talentos, os bens, que a Divindade
 Lhe dá só para fins altos, diversos,
 Seus deveres encher? Desses preverfos
 Inimigos internos, e ext'riores,
 A fanha, a cruel fanha, seus furores
 Postergar, combater, e, triunfando,
 Calcar o vicio torpe, vil, infando?
 Não respondes! He certo, que movido
 Da verdade te vez, serdes vencido.

Creio, sim; mas não cedo: qu' es sincero
 Amigo, sabio, vejo, e verdade'ro;
 Pois com provas, contestas altamente,
 Que eu lia com paixãõ, como imprudente.
 Nunca mais julgarei, sem ter pensado
 Longamente primeiro; transportado
 Me teve o tal embrulho com mil petas!
 E inda hav'ra, quem se fie em tais Poetas!

Tu a culpa tiveste; pois devias
 Dezenganar-me logo; não verias
 Tanto tempo gastar em vão louvores
 Com versinhos, que eu cria defensores
 De meus caprichos, sim! ah fementido
 Verfejador, groceiro, e atrevido!
 Tomára conhece-lo... Ah charo Amigo,
 Dize pois, qu'isso fica só comigo!
 Isso não, Illuzino; eu sou honrado;
 Delle também amigo desvelado.
 Melhor he, pelas obras que o conheças,
 Que, em ves de crize, só louvor mereças.
 Intentavas com elle despicarte?
 Que loucuras! Devias desvelar-te
 Em seus louvores só; porque utiliza
 A todos, pois seus erros fatiriza,
 Sem offença d'algum, mas em geral;
 Que o mais era fazer crescer o mal.
 Tu te queixas de mim! De ti te queixa:
 Quanto t'eu respondia, destro enfeixa;
 Então v'ras, como brilha sempre pura
 A candida verdade, inda que dura:
 Mas era assim prezizo, ah Illuzino!
 Vista a tua paixão, e dezatino.
 Não te dei a entender, como fiel,
 Que alli veneno havia em pouco mel,
 A' imitação da sabia antiguidade,
 Que para defender da cega idade,
 Quanto lh'era nocivo, astutamente,
 Da taça em giro, ou copo, deligente
 Absinthio dispunha, que fazia
 Temer de tudo, quanto s' inclua;
 Por mais bello que fosse, e lizonjeiro,
 Quer na vista, no gosto, quer no cheiro?
 Mas, em fim, não disgosto, experimentasses,
 Para que males mil acatelasasses.
 Busque-se o meio desses dois extremos,
 Fazeis ambos, senão sempre teremos
 Novas scenas, que ver do Jarretismo,
 E mais galantes, sim, do Peralatismo.
 Visto isso, já vejo, que, Jarreta,
 Queres, que eu seja infame? 'Stás pateta!
 Outro officio; Prudencio, tem juizo;
 Não sigas tão grosseiro prejuizo.
 Nisso não cedo eu; antes brilhante

Serei na pèrallice o mais constante.
 A exportos, Amigo, justamente,
 Hoje, quanto tens dito, qual demente,
 Moço, cego total, sómente deixo;
 Por isso tais loucuras não enfeixo,
 Te não mostro essa tua fatuidade,
 E mil coizas galantes na verdade,
 Para quem lá na saã Filozofia
 Se cansou, arranhava em Poezia!
 Ah! s' eu lançára mão do que tens dito,
 Saltára de prazer puro, infinito,
 Desses Jarras altivos a caterva;
 Mas disto meu affecto te prezerva.
 A Peraltas, a Jarras desmarchados
 Eu fatirizo, sim; seus empestados
 Projectos notei sempre, e, se podéra,
 Viver em seus deveres os fizera:
 Inda mais contra Jarras me sublevo;
 Dos Peraltas não digo, quanto devo:
 São criasas, tem fogo, não tem fizo;
 N'aquelles deve haver recto juizo:
 Não desculpo com tudo a rapazia;
 Pois quero n'huns, e noutros mediania
 No portar, no vestir, segundo a idade,
 Tempo, posses, virtude, e qualidade
 Exigem; pois que o mais escandaliza,
 E mil males no Mundo immortaliza.
 Nem Diogenes se figa, nem Platao
 No vaidoso vestido, e prezumpção;
 Sordido sempr' aquelle andar queria,
 Este fastozo sempre em demazia;
 Sem verem, que os extremos são damnosos,
 Tão sabios elles sendo, e portentozos!
 Hum pensava co's fardidos vestidos
 Affectar pensamentos mais subidos,
 Que os de todos, a tudo superiores,
 Pois adornos, riquezas, os louvores,
 Tudo, em fim, desprezando, a voz alçava,
 Que deste Mundo nada o encantava!
 Platao, em quanto a mim, mais avizado,
 Demandava seus fins pelo outro lado:
 Tinha; queria gozar isso, que tinha;
 Co' seu fastozo luxo bem se avinha:
 Sim era, como aquelle, ambiciozo;
 Mas pensava melhor, pois que ardilozoz
 S' amol-

E' amoldava ao costume dominante,
 Vivendo assim bemquisto, e triunfante.
 Ambos elles qu' erravaõ, reconheço,
 Pois que assim a luz pura, a que obedeço,
 Me faz ver claramente; protestando,
 Que o que d'estes algum for immitando
 Infelizmente dá sempre em damnosoz
 Extremos, reprovados, odiosos.

Delles deve a Velhice, a Mocidade
 Constante fugir sempre, á vaidade
 Oblaçoens não fazer, mas mais prudente
 Portar-se em tudo só, como he decente,
 Justo, e possível, sim; que d'outro modo
 Se confunde, arruina o Mundo todo.

Emmudeces? Não fujas: nesta parte
 Convincentes imagens arrostar-te
 Eu me proponha; em fim, devo calar-me:
 Venci-te; assim não tardo em retirar-me.
 Attende pois, Amigo idolatrado
 Sendo certo, o que tenho mencionado,
 Dize, do Peraltismo inda o partido
 Seguirás? Vivirás inda illudido?
 Inda tempo, talentos, cabedais
 Consumir nelle intentas? Coizas tais
 Anteporás, me dize, a teus deveres?
 Inda portar-te aspiras, como queres?
 Não tens visto a verdade liza, e pura?
 Tens atropos nas mãos, dize, segura?
 Inda qu' isso assim fosse, solidez
 Nelle alguma divizas? Não te vez
 Moço, cego, pateta, sem razaõ?
 O papel, que tens feito, dize, não,
 Não o contesta, dize? Ah! s' eu quizera,
 Que betas, como alguém, te não metera!
 Mas não, ah Illuzino! eu sou sincero;
 Em quanto disse, e digo, mais não quero,
 Que utilizar-te, sim; já o conheces,
 S'as vezes gracejei, bem reconheces,
 Que o faria com cauza, com motivo,
 Pois que não sou astuto, falso Amigo.

Em quanto a tu Collega, a feus versinhos,
 Sebastianistas, Jarras, Affonshinhos,

Porta-te, como deves, desvelado
 A'quelle, e suas obras, sublimado
 Elogio só tece: dos Pastranas
 Não cures; que altas forças, soberanas;
 Os atacaõ, os haõ de confundir,
 S' em loucuras quizerem subsistir.
 Nem te queixes, mas louva o bom Clorin
 Quanto sincero diz, sempre seguindo,
 Que pois digno de amor he, quem feliz
 Nos intenta fazer, verdades diz.

Isto pôdes fazer, ah Illuzino,
 Com agrado de todos, e amor dino;
 Sem que te portes, sim, como Jarreta
 Reprovavel, tenace, ou qual pateta
 Illuzo, vaõ Peralta; mas vivendo
 Vida amavel, brilhante, em que fazendo
 Teus deveres insistas respeitaveis,
 Sempre attendiveis, nunca postergaveis.
 Sim, que de Deos a Lei suave, e pura
 Tu só deves seguir com fé segura,
 Bem fundada Esperança, Caridade,
 Mil diques sempre oppondo á vil malda
 Pelo Rei, pela Patria trabalhando
 Suas ventagens sempre respeitando:
 Aos menores, supremos, semelhantes
 Cõmunica tambem raios brilhantes
 De luzura, de amor, dino respeito
 Sem violencia eduzido de teu peito.

Só quem isto executa do profundo
 Cahos, temivel, zomba, inda no Mundo
 Felice sendo, sendo respeitado
 Do sabio, virtuozo, do malvado!
 N'isto assentem Peraltas, e Jarretas:
 Huns, e outros não sejaõ taõ patetas;
 Qu' isto, que eu disse, saõ verdades pur
 E não fantaziadas conjecturas.
 Se houver louco, que as chegue a confut
 Hei de vence-lo; e ralhe quem ralhar:
 Em quanto não s' atreve (o que duvido
 Qual destre pescador, advertido,
 Vendo, se com anzol, ou rede o peSCO,
 Connico tandem, saltoque bic sine, quiesco.

